

RISCOS E RABISCOS – O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Risks & scratches - drawing in early childhood education

HANAUER, F.

Recebimento: 04/10/2013 - Aceite: 06/12/2013

RESUMO: Este estudo direciona o olhar ao desenho como a primeira forma de expressão gráfica infantil, que se constitui uma linguagem universal, presente em todas as culturas desde os tempos antigos. Os traços deixados nas mais variadas superfícies são marcas impulsionadas pelo prazer, onde a criança registra seus pensamentos e sentimentos. A produção criadora, o desenho como arte, envolve o pensamento, a criatividade, a imaginação e os sonhos. Através do desenho, a criança representa objetos significativos, sejam eles reais ou imaginados, processando experiências vividas e pensadas. O desenho infantil passa por etapas, acompanhando o desenvolvimento da criança, assim, a evolução gráfica relaciona-se à maturação da percepção motora e cerebral, além de envolver mecanismos biológicos e sensoriais.

Palavras-chave: Desenho infantil. Linguagem. Produção criadora. Desenvolvimento.

ABSTRACT: This study directs our gaze towards the drawing, which is a universal language present in all cultures since ancient times, as the first form of the graphic expression of the child. The traces left on various surfaces are marks driven by pleasure, where children record their thoughts and feelings. The creative production, drawing as art, involves thinking, creativity, imagination and dreams. Through drawing children represent significant objects, real or imaginary, processing experiences and thoughts. Childlike drawing goes through stages as the child develops. The graphic evolution is related to the maturation of motor and brain perception besides involving biological and sensory mechanisms.

Keywords: Children's drawing. Language. Creative production. Development.

Considerações iniciais

O mundo infantil é marcado essencialmente pela magia, magia que remete ao desenhar, caracterizada como uma prática natural e indispensável à vida, presente em todas as culturas desde os tempos remotos. Por isso, busca-se investigar o desenho na Educação Infantil, destacando-o como uma linguagem gráfica importante no desenvolvimento da criança, bem como um meio de representação expressiva, criadora e imaginária.

Salienta-se que as manifestações artísticas por meio do desenho, iniciadas nos primeiros anos de vida, fazem parte de um processo de representação, onde a criança comunica e expressa seus pensamentos e sentimentos do mundo que a rodeia. O desenho também envolve aspectos cognitivos e emotivos, na medida em que os traços dão forma ao pensamento que leva ao conhecimento e evoluem conforme a criança se desenvolve.

Direciona-se este estudo a três eixos temáticos. No primeiro aborda-se a linguagem do desenho como importante registro gráfico, forma de comunicação e expressão. Em seguida, retrata-se o desenho como produção criadora, onde a criança manifesta sua arte de forma natural, espontânea, imaginativa e simbólica. Por fim, apresenta-se a evolução do desenho no desenvolvimento infantil, que ocorre por meio da integração dos sentidos, do corpo, da mente e da expressão motora.

A linguagem do desenho

O desenho, como linguagem, é uma forma de comunicação construída ao longo dos anos. O homem primitivo deixou sua marca nas cavernas, representou imagens, criou símbolos e registrou a sua história. É fato que

O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra (DERDYK, 1990, p. 10).

Dessa forma, pode-se pensar o desenho como linguagem universal, que possui convenções pertencentes à sociedade e à cultura e perpetua diferentes gerações, cada qual com suas singularidades, dotada de historicidade.

Junqueira Filho (2005) afirma que o desenho é uma linguagem com estrutura e regras próprias de funcionamento, que dá significado a toda e qualquer realização humana onde o desenho enquadra-se num sistema de representação, como uma produção de sentido. Desenhando, a criança imprime registros, portanto, expressa e comunica.

A criança aprende ainda sobre sua própria humanidade, na medida em que, ao desenhar, a criança está realizando – reafirmando e atualizando – algo ancestral de sua humanidade: a capacidade e a necessidade dos seres humanos de se deixarem em marcas. Foram os seres humanos que inventaram o desenho e, ao fazê-lo, puderam dizer algo de si por meio de imagens, puderam se ver representados graficamente em aspectos de sua humanidade; deixaram-se em marcas que contribuíram para a produção de sua humanidade, de sua história; que contribuíram para a demarcação, comunicação e significação de sua passagem pela vida, pelo planeta Terra, pelo mundo (JUNQUEIRA FILHO, 2005, p. 54).

Os traços deixados nas mais variadas superfícies são registros, e como tais, expressam sentimentos e pensamentos. Para

Moreira (1984) o desenho da criança é a primeira forma de expressão gráfica, iniciada antes mesmo de ela dominar a leitura e a escrita, e para ela é uma linguagem, como o gesto e a fala.

O desenho, também, pode ser considerado um signo, que deixa pistas através da linguagem gráfica. O signo é representado por meio do traço e da forma. “O signo gráfico é resultante de uma ação carregada de uma intencionalidade, ainda não totalmente expressa. O olho, expectador dessa conversa entre a mão, o gesto e o instrumento, percebe formas” (DERDYK, 1990, p. 101).

De acordo com as ideias apontadas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), o desenho, como forma de linguagem, indica signos históricos e sociais, que possibilita ao homem significar o seu mundo.

Sendo assim, destaca-se a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, como um espaço para o viver da infância, promotora da apropriação das diferentes linguagens e manifestações expressivas, dentre estas, o desenho, riscos e rabiscos dotados de significações. Ao desenhar, a criança brinca e verbaliza seus pensamentos e sentimentos, deixando marcas no papel. Aos poucos ela percebe o lápis em sua mão como um objeto mágico e atua sobre o espaço do papel, imprimindo traços. Quando pega pela primeira vez esse objeto mágico, a criança o experimenta como um brinquedo.

Na primeira etapa escolar, toda criança desenha e deixa marcas por prazer. Sempre encontra um jeito e um local para registrar. O chão, a parede e os móveis são, muitas vezes, destinos escolhidos pela criança pequena. Pedrinhas ou pauzinhos na areia do parque também são utilizados para firmar traços. De acordo com Derdyk (2004) o desenho expressa a vivência e torna-se uma brincadeira que gera prazer. Greig (2004) nomeia esta etapa

de “idade de ouro”, em que o desenho da criança pequena é impulsionado pelo prazer.

Os primeiros desenhos são feitos pelo prazer de riscar para produzir algo no papel. Pode-se confirmar tal ideia através do seguinte trecho:

A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem. Aparecem, desaparecem. A permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer (DERDYK, 2004, p.56).

Assim como Derdyk (2004), que afirma que a criança desenha para se divertir, Moreira (1984) aponta que ela desenha para brincar. Pode-se, assim, assegurar que o desenho seja um veículo de expressão, tanto do brincar quanto da diversão, afinal, ambos complementam-se. Outrossim, dificilmente vê-se uma criança ficar triste ao estar desenhando, pois o desenho representa uma dimensão humana que alimenta sonhos, estimula pensamentos e encanta.

O desenho, como linguagem, também se constitui um instrumento do conhecimento e leva a criança a percorrer novos caminhos e apropriar-se do mundo. A criança que desenha estabelece relações do seu mundo interior com o exterior, adquirindo e reformulando conceitos, aprimorando suas capacidades, envolvendo-se afetivamente e operando mentalmente. Assim, ela externaliza sentimentos e expressa pensamentos.

Read (2001) afirma que o desenho é um modo de expressão da criança e pode ser considerado um processo mental. É, além disso, através do desenho que a criança imagina e inventa, despertando a curiosidade e o conhecimento.

O desenho pode ser classificado como um fenômeno cultural, fonte de linguagem, pois está presente em todos os povos, desde o início da civilização, constituindo uma representação da vida. A prática do desenho é parte da vida e a criança que desenha vivencia descobertas, extrapola ideias e pensamentos, é feliz.

Produção criadora

O desenho acompanha o homem desde os tempos antigos (FARIA, 2009), sendo que no período Pré-Histórico, é retratado pelas pinturas nas cavernas; na antiguidade, o desenho ganha status sagrado, utilizado na decoração de tumbas e templos, principalmente no Egito; os Mesopotâmicos, por sua vez, utilizaram o desenho para criar, mesmo que de forma primitiva, representações da terra e de rotas, sendo que a cartografia ganhou força com a expansão do Império Romano. A invenção do papel, pelos chineses, há mais de três mil anos, marcou um acontecimento importante para todas as formas de desenho, pois até então eram usados diferentes materiais para as representações, como barro, argila, couro, tecidos, folhas, pedras, etc.

Passado algum tempo o desenho prestou-se a uma exploração psicanalítica, com acompanhamento do terapeuta através de procedimento interpretativo. O ato de desenhar, como afirma Greig (2004), estava ligado ao processo de cura – “terapia pela expressão”. Aos poucos abrangeu, também, o campo educativo, onde se ressalta o trabalho de Freinet (apud Greig, 2004) que criou o método natural – a livre expressão, abrindo um vasto caminho para a expressão plástica.

Linguagem da arte, o desenho pode ser considerado uma produção criadora, que envolve uma gama de sentimentos e pensamentos, reunindo elementos da experiência para formar novos saberes. Assim, a arte

constitui conhecimento, envolve o pensamento, o sentimento e a formação intelectual. Por isso, o desenho direciona-se à arte.

Pode-se definir o desenho como um processo pelo qual uma superfície é marcada, aplicando-se sobre ela a pressão de um objeto – lápis, caneta, giz – que se transforma numa imagem formada por traços. O mundo dos traços e das cores marca presença junto à infância, com encantamento, motivando o desejo da descoberta, pois é carregado de significados, refletindo o retrato da criança.

O desenho infantil estabelece uma relação entre a criança e sua expressividade, que possui seu próprio estilo de representação gráfica, bem como sua própria maneira de expressão. Pode-se perceber esta opinião na escrita de Ferraz e Fusari (1993, p. 55):

A criança se exprime naturalmente, tanto do ponto de vista verbal, como plástico ou corporal, e sempre motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. Ao acompanhar o desenvolvimento expressivo da criança percebe-se que ele resulta das elaborações das sensações, sentimentos e percepções vivenciadas intensamente. Por isso, quando ela desenha, pinta, dança e canta, o faz com vivacidade e muita emoção.

Para a criança, a produção gráfica é um dos meios mais significativos de comunicação. De acordo com Read (2001), o desenho é uma atividade espontânea, é expressão e comunicação. O que não é dito verbalmente aparece nas situações concretas indicadas nos traços.

Sendo assim, o desenho infantil retrata a expressão natural e espontânea da criança. Para Montessori (apud READ, 2001, p. 128) existem três condições para que uma criança se expresse pelo desenho “[...] um olhar que veja, uma mão que obedeça e uma alma que sinta”. A partir disso, afirma-se que o desenho é produzido através do sentir, do pensar

e do agir – o olho segue a mão, que, por sua vez, retrata o que o coração sente.

O ato de criar envolve o pensamento e a criatividade, intensificando a inteligência artística. Através da ação criadora, a criança busca o saber, pois desenhar é embarcar numa fantástica aventura para conhecer a si própria, ao outro e ao mundo que as rodeia. Para Lowenfeld (1977), a arte do desenho possui papel fundamental na vida da criança, visando formar um novo significado para tudo que ela vê, sente e observa, pois constitui um complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência para formar um novo e significativo todo.

O desenho comunica e atribui sentido às sensações, sentimentos, pensamentos e realidade, por meio de linhas, formas, traçados e cores. Retrata a realidade e o imaginário, onde a criança expressa os seus sentimentos e sua compreensão de mundo. Cada traço diz, muitas vezes, mais do que palavras.

Quando a criança desenha, ela representa situações e personagens do mundo adulto, manifestando-se simbolicamente. No desenho é possível perceber indicativos gráficos do mundo real que é construído e apropriado pela observação e imitação do cotidiano e, também, do imaginário, construído a partir da absorção da realidade.

Sendo assim, o desenho pode representar situações e realidades diversas para tudo o que é visto, lembrado, imaginado ou, ainda, surgir de um movimento livre da mão sobre a superfície.

A criança, através da capacidade simbólica, potencializa sua capacidade de criar. A sua imaginação desenha objetos significativos, sejam eles reais ou frutos da sua fantasia, e expressa as emoções e sentimentos que a criança presencia.

Ferraz e Fusari (1993) entendem que a atividade imaginária é uma atividade criadora, resultante das experiências vivenciadas

e da combinação de elementos da realidade. Nesse sentido, desenhar é representar graficamente algo real ou abstrato, onde permeia o imaginário:

A criança em atividade fabuladora ou expressiva participa ativamente do processo de criação. Durante a construção ela se coloca uma sucessão de imagens, signos, fantasias [...] importantes para o conhecimento da produção da criança e evidenciam o desenvolvimento e expressão de seu eu e de seu mundo. Para a criança, essa linguagem ou comunicação que ela exercita com parceiros visíveis ou invisíveis, reais ou fantasiosos, acontece junto com o seu desenvolvimento afetivo, perceptivo e intelectual e resulta do exercício de conhecimento da realidade (FERRAZ; FUSARI, 1993, p.56).

Com caráter livre e espontâneo, o desenho permite que a criança, desde a mais tenra idade, conquiste sua relação com o mundo real e imaginário, criando e recriando significações. Para Derdyk (2004) o desenho constitui-se uma atividade do imaginário e, por ser uma linguagem expressiva, a criança passa por um processo vivencial e existencial, expressando suas alegrias, medos, emoções e frustrações.

O fazer artístico da criança por meio do desenho sofre influência da cultura através de imagens em livros, revistas, propagandas, televisão e, também, por trabalhos de outras crianças e adultos. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), os trabalhos de arte das crianças revelam o local e a época histórica em que vivem, suas oportunidades de aprendizagem, suas ideias e sentimentos.

O estilo dos desenhos infantis mostra originalidade, mesmo com características globais e universais presentes em várias culturas. Este estilo vai avançando conforme a criança cresce, com a maturidade dos aparelhos perceptivos e motores.

A evolução do desenho no desenvolvimento infantil

Existem teorias e diferentes interpretações a respeito da produção gráfica infantil. Alguns estudiosos apontam fases para o desenvolvimento do desenho infantil, de acordo com uma evolução etária. Entre os mais conhecidos estão Lowenfeld (1977), Luquet (1969) e Piaget (apud MOREIRA, 1984).

Lowenfeld (1977), referindo-se às fases do desenvolvimento infantil, classifica-as em quatro estágios, são eles: Estágio das Garatujas, Estágio Pré-Esquemático, Estágio Esquemático e Estágio do Realismo. O primeiro estágio compreende aproximadamente dos dois aos quatro anos de idade, onde a criança faz rabiscos ao acaso – as linhas desenhadas vão sobrepondo-se umas às outras, formando camadas de rabiscos. A criança brinca de desenhar e aos poucos vai percebendo o seu desenho e evoluindo gradativamente para formas mais controladas. As “garatujas”, termo empregado pelo autor, referem-se aos rabiscos produzidos pelas crianças na fase inicial de seus grafismos.

O Estágio Pré-Esquemático tem início por volta dos quatro anos e estende-se até os sete anos, aproximadamente. Tem como característica a representação do real, com formas e figuras mais ordenadas, mas ainda com variações nos tamanhos. Os desenhos também são constituídos por poucos traços, bem resumidos.

No Estágio Esquemático (dos sete aos nove anos) a criança desenvolve o conceito da forma e os desenhos, agora descritivos e com detalhes reais, simbolizam o que pertence ao seu mundo. Essa fase também é conhecida como simbólica por representar traços com símbolos.

Por último, o autor aponta o Estágio do Realismo, que acontece dos nove aos doze

anos, marcando uma maior simbolização nos desenhos, onde a criança projeta suas produções com maior consciência, esboçando objetos e seres como são vistos. No entanto, é o período em que perde o poder inventivo e há o desinteresse pelo desenho.

Na concepção de Luquet (1969), as etapas gráficas são: “Realismo Fortuito”, “Realismo Falhado”, “Realismo Intelectual” e “Realismo Visual”.

A primeira fase, “Realismo Fortuito”, é aquela onde a criança faz traços sem um objetivo específico e descobre por acaso uma semelhança entre o objeto e o seu desenho, dando então um nome para ele. Nesta fase, ao se questionar uma criança de dois anos sobre o seu desenho, ela pode dizer que desenhou uma casa, em seguida passa a ser uma bola, ou qualquer outra coisa que lhe ocorrer no momento. O gesto motor que traça as linhas é caracterizado mais do que o significado do elemento gráfico. A partir daí, acontecerão várias transições até atingir um nível maior na representação. Esta ideia é esclarecida nas palavras de Luquet (1969, p. 145): “A princípio, para a criança, o desenho não é um traçado executado para fazer uma imagem, mas um traçado executado simplesmente para fazer linhas”.

A segunda fase é o “Realismo Falhado”, onde a criança descobre a identidade da forma, o objeto passa a ser reproduzido e a criança vai modificando seu desenho, tornando-o mais parecido com o real. No entanto, as dificuldades gráfico-motoras e as dificuldades psíquicas são fatores que interferem no desenho, evidenciando imagens desproporcionais.

Em seguida, aparece a fase do “Realismo Intelectual”, que se caracteriza pelo fato do desenho conter elementos semelhantes ao objeto. A criança desenha não o que vê, mas o que sabe dele, num conjunto coerente da figura. Para representar partes ocultas do de-

senho, surgem as transparências e, nas figuras humanas, surgem pessoas de perfil, havendo uma coordenação entre a forma, o espaço e a cor que estrutura o desenho.

Por último, no “Realismo Visual” a criança representa apenas os elementos visíveis do objeto e critica os seus desenhos. Aparecem claramente as influências sociais, históricas e culturais, bem como elementos do seu cotidiano. Há detalhes que particularizam as figuras e a cor empregada tem papel realista e decorativo.

A ação de desenhar é uma das condutas da função simbólica descrita por Piaget (apud MOREIRA, 1984) ao lado do jogo, da imitação, da imagem mental e da evocação verbal. A autora compara as etapas do desenho com as etapas apontadas por Piaget – o exercício, o símbolo e a regra em “A formação do Símbolo na criança”.

Dessa forma, a primeira etapa – “do exercício” – compreende a fase do nascimento até o aparecimento da linguagem oral, ou seja, constitui-se no período pré-verbal, onde a criança apreende o meio que a cerca através dos sentidos e da ação sobre o objeto; os movimentos são desordenados e incontrolados.

A criança, ao pegar pela primeira vez o lápis, experimenta-o como um brinquedo, exercendo uma ação lúdica. O desenho lhe dá prazer e é o gesto que produz a marca. Ao dar lápis e papel para a criança, ela descobrirá que é capaz de deixar naquele pedaço de papel uma marca, e se surpreenderá com o fato de que, ao repetir o movimento, mais uma marca surgirá. É um jogo de exercício que repetirá por muitas e muitas vezes.

A segunda etapa – “do simbolismo” – caracteriza a fase a partir do aparecimento da linguagem até os seis anos, aproximadamente. A criança interessa-se pelas realidades simbolizadas, desenha não só o que vê, mas o que imagina e o símbolo é sua maneira de representar. O olho, que antes seguia a

mão, começa a guiá-la e o faz de conta está presente.

Com a interação do meio, a criança percebe que pode fazer novos movimentos, o que propiciará um controle maior sobre a mão. Então, passarão a surgir movimentos espirais e círculos fechados, evidenciando a descoberta da forma. Estas garatujas, na sequência, começam a ganhar nomes e detalhes e os desenhos aproximam-se das formas reais.

Por último, a etapa “regra” caracteriza a criança a partir dos seis anos e representa relações sociais assumidas no meio em compromisso com o real, onde os desenhos perdem o caráter mágico-mutante do simbolismo e assumem regras e convenções definidas, ganhando maior estruturação e expressividade. Nesta fase, as representações gráficas são fiéis ao aspecto observável dos objetos representados, que são mais lógicos do que visuais e há interesse pelos detalhes decorativos.

Pode-se perceber que a evolução do desenho ultrapassa patamares ao mesmo tempo em que a criança se desenvolve. Este avanço gráfico está estreitamente ligado à maturação da percepção motora e, também, a maturação cerebral, em que a criança modifica a percepção do mundo ao seu redor com as imagens mentais que constrói.

De um rabisco sem objetivo, com movimentos puramente musculares, ao alcance de um desenho estruturado, acompanham-se mudanças significativas no desenvolvimento da criança, que envolvem mecanismos biológicos, sensoriais, cerebrais e motores.

Sabe-se que o desenvolvimento ocorre em processo gradual. As crianças vão evoluindo e com elas, ao mesmo tempo, os seus desenhos. Por isso, o desenho não pode ser compreendido como simples ato mecânico; cada gesto e movimento têm funções simbólicas capazes de contribuir para o desenvolvimento humano. Com relação a isso ressalta-se:

A criança, a grande autora dos eventos mantém uma relação de prazer que impulsiona e estimula este seu fazer. O corpo inteiro da criança desenha concentrado na pontinha do lápis, que lhe abre a possibilidade da experiência da conquista das formas. O desenho estabelece um elo de participação entre a criança e o mundo, evocando e despertando formas, imagens, significados, através de seus recursos materiais (DERDYK, 1990, p. 106).

É através da representação gráfica que a criança registra o seu mundo, aquilo que é real e seu universo simbólico vivido diariamente. Acredita-se, inclusive, que é por meio do desenho que ela organiza informações, processando-as em conhecimentos a partir do que é sentido e pensado.

Os rabiscos, conforme Derdyk (1990), não são apenas atividades sensório-motoras. Os traços confusos no papel podem conter evidências do estado de desenvolvimento da criança, como também estarem ali pelo simples prazer da ação.

A criança rabisca e rabisca, e num piscar de olhos descobre uma “gente”, uma semente. Qualquer forma redonda, quadrada, vazia, retangular, pequena, comprida, agrupada, qualquer configuração preenche um horizonte de significados (DERDYK, 1990, p. 100).

Os primeiros desenhos parecem surgir de forma espontânea e evoluem junto ao processo de desenvolvimento da criança. Os rabiscos iniciais apontam para a extensão do gesto que deixa marcas, mas nem sempre possuem a intenção de transmitir alguma mensagem. Ocorre, então, o aprimoramento das capacidades sensoriais e motoras e o prazer de registrar. Com o tempo essas marcas passam a ter uma intenção e a criança comunica-se por meio delas.

Dessa forma, observa-se que a produção artística da criança concebe elementos indicativos de seu desenvolvimento emocional,

intelectual, físico e social. No aspecto emocional há o retrato dos sentimentos de alegria, tristeza, raiva, segurança... No desenvolvimento intelectual o aprendizado ocorre pela ação de desenhar e desperta a criatividade. No que se refere ao desenvolvimento físico, pode-se afirmar que a imagem que a criança tem do seu corpo é refletida em seus desenhos; as habilidades nos traços demonstram coordenação motora e visual. Da mesma forma, no desenvolvimento social, os desenhos refletem as relações da criança com o meio onde representa situações vividas.

Portanto, o desenho infantil tem uma importância vital no desenvolvimento global da criança, enquanto ser social e historicamente constituído, que usa deste instrumento para expressar sua vida.

Considerações finais

A partir dos estudos realizados acerca do desenho, reconhece-se a importância dessa manifestação gráfica, altamente criativa, que faz parte do universo infantil. O ato de desenhar é visto como a atividade artística preferida pelas crianças, cuja produção é rica em detalhes que expressam e comunicam.

O desenho é uma linguagem gráfica em que a criança deixa registrada a sua história, onde cada traço, risco e rabisco revelam um pouquinho da sua identidade, do sentir e do pensar desse ser pequeno, mas histórico. Como é carregado de significados, o desenho registra as alegrias, medos, sonhos e leva o adulto a conhecer um pouquinho da criança, de como ela pensa e de como age no e sob o meio que a rodeia.

Ao desenhar, a criança desenvolve seus processos criativos, ampliando suas potencialidades de expressão. Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento gráfico infantil é inato da inteligência humana, também corresponde às condições socioculturais da criança e aos

estímulos recebidos ao longo de sua vida. Para ter uma criança bem desenvolvida é preciso dar oportunidades para que ela crie e desenvolva seu estilo de representação.

Além de ser uma forma de expressão, o desenho é uma atividade altamente criativa. Quanto mais estimulada a sua prática, maior é a capacidade de criação, pois só se aprende a desenhar, desenhando.

O desenho está estreitamente relacionado com o desenvolvimento global da criança; conforme ela vai evoluindo, vai modificando a sua maneira de se expressar graficamente. Desenhando ela estabelece relações do seu mundo interior e exterior, adquire e reformula seus conceitos e aprimora suas capacidades, envolvendo-se afetivamente, convivendo

socialmente e operando mentalmente, rumo a um desenvolvimento sadio do intelecto e das emoções.

A criança da Educação Infantil está no auge do seu desenvolvimento pelo desenho, pois se encontra na idade em que experimenta pela primeira vez essa atividade mágica, que vai evoluindo com o passar do tempo, concomitante ao seu desenvolvimento.

A prática do desenhar é parte da vida. É uma ação indispensável ao bem estar da criança. Destaca-se que a infância é a época das descobertas e das aventuras, portanto cabe a nós educadores oferecermos condições que estimulem o gosto pela arte de registrar o mundo num pedacinho de papel, permitindo às crianças inventar, criar e sonhar.

AUTOR

Fernanda Hanauer - Professora na rede municipal de Erechim - Pedagoga pela Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões URI Erechim; Especialista em Educação Interdisciplinar pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU - E-mail: fernandahanauer@gmail.com

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DERDYK, E. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.
- _____. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2004.
- FARIA, C. **A História do Desenho**. Publicado em 24.02.2009 e acessado em 20/09/2013 . Disponível em: <http://www.infoescola.com/artes/historia-do-desenho/>.
- FERRAZ, M. H. de T.; FUSARI, M. F. de R. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GREIG, P. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- JUNQUEIRA FILHO, G. de A. **Linguagens Geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G.H. **O desenho infantil**. Porto: Livraria Civilização, 1969.

MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho**: A educação do educador. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

READ, H. **A educação pela arte**. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins fontes, 2001.